

Material Bond

ROTEIRO DE FERNANDO KINAS A PARTIR DA OBRA
DE EDWARD BOND.
VERSÃO FINAL DE MARÇO DE 2017.



FOTO FILIPE VIANNA

Intervenção cênico-musical.

Uma atriz, um músico, técnicos.

Palco convencional e um pequeno tablado instalado na plateia.

[O texto a seguir deve ser veiculado em gravação contínua - looping - durante toda a entrada do público. Sotaque britânico.]

Quando o público entra, a equipe está trabalhando.

O músico - com figurino cinza, escondendo um uniforme laranja-Guantânomo - verifica os instrumentos.

A atriz se aquece e organiza o material de cena.

Os técnicos de som, luz e imagem testam os equipamentos.

O público ouve este texto.

As cenas vão apresentar as ideias de Bond. Edward Bond.

Entre outros temas, discute-se a justiça, o poder, a violência, a imaginação.

A pergunta feita e refeita talvez seja essa: como é possível ser humano em um mundo desumano?

Aqui não há crise da razão.

MÚSICO

[Sonoplastia sugerindo tempestade.]

Eu nasci às oito e meia da noite
quarta-feira 18 de julho de 1934
Tinha uma tempestade

[Fim da tempestade.]

ATRIZ

Uma hora antes do meu nascimento
minha mãe lavava as escadarias do prédio
para que elas estivessem limpas
na hora em que a parteira chegasse

No bairro onde vivia minha mãe
considerava-se os representantes da medicina

como agentes de autoridade

Eu fui bombardeado pela primeira vez com cinco anos
o bombardeio continuou até que eu tivesse onze anos

Mais tarde o exército me ensinou
dez maneiras de matar meu inimigo

E a comunidade me ensinou
cem maneiras de matar meu vizinho

Com vinte anos eu escrevi minha primeira peça

Como todo mundo
vivendo nesse meio de século
ou nascido depois
eu sou um cidadão de Auschwitz *[o músico repete esta palavra]*
e um cidadão de Hiroshima *[o músico repete esta palavra]*

Eu sou também um cidadão
do mundo justo
que ainda precisa ser construído *[o músico repete esta frase]*

[Música Revolution/Animalis.]

ATRIZ

Eu perguntei ao homem na encruzilhada:
por que você está esperando?
Ele disse:
eu não tenho sapatos nos meus pés
meu estômago está vazio
minha casa foi tomada
um homem num terno impecável
com abotoaduras heráldicas
roubou minha carteira
e meu casaco está em chamuscas
mas eu não quero ser alarmista

Eu não quero ser alarmista

Eu não quero ser alarmista
Eu não quero ser alarmista
Eu não quero ser alarmista
Eu não quero ser alarmista
Eu não quero ser alarmista
Eu não quero ser alarmista

A - lar - mis - ta!

[Vídeo urbano.]

ATRIZ

[Ela contracena com sua voz gravada e com uma marionete. A cena deve acontecer no palco principal.]

Atores

Não tentem tornar possíveis suas personagens
Os homens fazem coisas que não deveriam ser possíveis

Não diga “ele nunca faria isso”

Os homens não se comportam de maneira previsível

Não faça da personagem um homem

Infelizmente um homem é feito de muitos homens

Não se preocupe quando uma ação não é lógica

Aos homens falta lógica

Pergunte porquê a eles falta lógica

Descubra a *descaracterística* em uma personagem

Descubra porquê a personagem deixa de ser ela mesma

Neste mundo nós ainda não nos tornamos humanos

Alguns tentam ser humanos

Outros são carnicheiros ou coisa pior

Comece o trabalho novamente quando disser “ele nunca faria isso”

Talvez você esteja perto de compreender

Porquê esse homem busca a liberdade e aquele outro é um carnicheiro

Não procure uma alma

Uma alma não vai ajudar a entender o que foi feito

É um coelho branco tirado de uma cartola quando a verdade é difícil demais para se compreender

Não tente tornar-se a personagem

Isso é impossível e se você tentar você renunciará a ser responsável pelos seus atos

Você renunciará a julgar e sem isso não se pode mais criar

Possua a personagem, não deixe que ela possua você
Interpretar transforma a palavra escrita e o gesto descrito

Tanto quanto o vento muda as formas das nuvens e das roupas

As palavras mudam enquanto são proferidas e novamente quando são ouvidas

Sem essas mudanças a peça é um fantasma de papel

A personagem é por natureza raivosa ou feliz?

Como isso nos diz pouco!

Não há apenas uma raiva ou uma felicidade ou uma coragem

Mas existe apenas uma justiça

O guarda nazista da SS é feliz

Não são as emoções que nos tornam humanos

E tampouco é verdade que atos virtuosos nos fazem ser bons

Julgue pela situação não pela personagem ou suas ações

Um prisioneiro faminto dá um pão à uma criança

O guarda também dá um pão a ela

Ele sabe que amanhã a criança irá para a câmara de gás

Esse guarda é bom? Ele é louco

Mas é ainda um ato de bondade?

Não, é um ato de loucura

O mesmo ato tem muitos significados

Não existe uma alma comum para todos os homens

Tudo que nós temos em comum é a razão e alguns homens usam a razão para justificar a loucura

Então mostre-nos a situação

Daí nós veremos como vícios e virtudes

Podem atravessar nossas mentes sob nomes falsos

Como um homem sorri ao ter um revólver nas costas

Ou um homem se disfarça no posto de fronteira

Você pergunta: será ele um bandido ou um amigo do povo?

Não espere que seu disfarce o diga

Um mineiro encontra ouro nas montanhas

Ele troca suas roupas e come bem
Você interpreta isso, mas o que você nos ensinou?
Vá até as montanhas!
Os pobres ainda são pobres
O passado ainda oculta o passado e o futuro ainda é incerto
Que vergonha! Por que desperdiçar nosso tempo?
Não nos mostre um homem que se conforma com esse mundo
Sua vida não foi mudada – apenas seu modo de vida
Não há nada para você interpretar aí
As unhas do mineiro estão limpas – isso é tudo o que você interpreta!

A vendedora de peixe é esperta ou estúpida?
Você mostra o que ela é mas você ainda não nos revelou a vendedora de peixe
A esperteza da vendedora e da freguesa não é a mesma
Não existe apenas uma esperteza
A esperteza que torna astuta a vendedora
Pode fazer da freguesa uma boa mãe

[Sonoplastia sugerindo tempestade.]

A vendedora de peixe não pode ser mostrada pela sua personagem
Sua vida depende da barraca de peixe
Da tempestade que sopra no cais

[Fim da tempestade.]

A tal ponto que a lona sobre sua cabeça tremula como as asas de um abutre
Sua vida depende do sol que faz os peixes federem quando os passantes são pobres demais para comprar
Das cestas que ela carrega e da pechincha com os donos da pesca
Das falas na reunião dos feirantes
Das propinas que ela paga aos responsáveis pela licença
De todo o negócio de vender e comprar peixes
Você não pode mostrar uma moça na cozinha se você

não nos mostrar o proprietário
E quem manda na cidade
O relógio marca três horas
Você não pode dizer que horas são até saber qual é o século

O que a personagem traz para a sua situação?
Características? Temperamento? Inútil!
Ela é orgulhosa? Do quê? Brava? Quando? Generosa?
Com quem?
A não ser que conheçamos a situação de um homem não podemos dizer se ele é bom ou mau
Como a vendedora de peixe consegue definir o preço do peixe sem saber as condições do mercado?
Como ela pode saber o que faz até conhecer o mundo em que vive?
O pessimismo de um homem e o otimismo de seu vizinho
Podem transformar o mundo da mesma maneira

[Música utilizada pelas SS.]

O que um homem deveria compreender? Sua vida
Isso é, sua situação e o que ele faz dela
Sua vida não é definida pelo que ele faz consigo mesmo
Ela é definida pelo que ele faz com a sua situação
O guarda da SS não compreende nada da sua vida
Você irá interpretar muitos homens que não entendem nada das suas vidas
Nem todos usam uniformes para nos alertar disso
Então como é importante que você compreenda!

[Fim da música das SS.]

É claro que uma personagem não pode ser interpretada
Você deve interpretar uma vida
Eu repito: uma personagem não pode ser interpretada
Isto é um paradoxo mas é a verdade

A vida de um homem é explicada pela vida de todos os homens
Você não precisa compreender sua personagem

Você precisa compreender a sua vida
Você precisa de uma maneira para mostrar esta compreensão
Um homem é ele mesmo ou ele é todos os homens
Você deve interpretar todos os homens
Este é o teatro da razão
Interpretar esta compreensão
Interpretar o aprendizado
Não reproduza
Julgue!
Deixe que sua representação mostre que você compreende a História
As mudanças que o homem faz e que fazem o homem.

[A atriz sai do palco. Música de teatrinho.]

Interpretar o que se conhece é como uma janela
De boas proporções e vidro transparente
Que nos mostra o mundo
Nós levamos o público até a janela
Eles assistem como eles vivem
E como outros viveram antes deles e fizeram este mundo
E como eles podem o refazer
Isso é de grande utilidade mas não é teatro

[Fim da música de teatrinho.]

O teatro é isto:
“Homem: aquele que busca e descobre o conhecimento”
Os homens buscam e quando eles encontram o que é verdadeiro eles o reconhecem
É por isso que eles são chamados de homens
Este é o antigo truque que os atrai ao teatro

[Música de teatrinho.]

O gado vai para o poço saciar sua sede
Ele bebe e sua sede é saciada
Os homens vão ao poço e bebem com suas gargantas ressequidas
Mas eles não ficam saciados até verem seu rosto na água
É por isso que eles são chamados de Homens

[Fim da música de teatrinho.]

Eles percebem que são pessoas em busca do entendimento
Édipo é tolo e sábio ao mesmo tempo
Conhecimento é verdade mas não é arte
Na arte há sempre justiça

[A atriz vai ao tablado.]

No teatro o sentido de justiça é sempre claro
No teatro o homem aprende quem ele é

[Música obsessiva.]

Nós também mostramos que o homem questiona a verdade
Nós sabemos coisas que para nossos antepassados eram secretas
Mas pelo menos eles buscaram!
Suas peças ostentam as cicatrizes da razão e estão entre os clássicos
Nós dispomos de novas armas e novos instrumentos para compreender
A Justiça não é mais o grito dos acusados falsamente
A Justiça recai sobre os que acusam falsamente
Que a sua interpretação nos guie nesses tempos de mudança
Mostre a justiça
E nós a reconheceremos quando ela vier ao nosso encontro nas ruas

[A música obsessiva funde-se com *The people united will never be defeated*/Variações 1-3, Frederic Rzewski. A música continua durante a próxima cena, exceto por uma pequena pausa após a pergunta sobre deus.]

ATRIZ

Na penitenciária
A copiar as letras dos maços de cigarros
O trabalhador e revolucionário socialista
Nikolai Vasiliev aprendeu sozinho a ler



Conseguiu livros, usou o conhecimento
E escreveu, em maiúsculas:

[Megafone.]

SENHOR PROMOTOR PÚBLICO,
SENHOR, FUI ATIRADO NESTE BURACO
SEM RAZÃO
SEM LUZ, AR, ESPAÇO OU COMPANHIA
NÃO TEM DEUS?

Não teve resposta
Uma noite, empilhou os livros em cima de si
Colocou fogo e morreu carbonizado

Podemos aprender muita coisa com isto
Quando o conhecimento é ensinado por ignorantes
Não devemos ter medo somente dos que queimam
livros
Mas também dos construtores de bibliotecas

Quando o conhecimento é ensinado por ignorantes
Não devemos ter medo somente dos que queimam
livros
Mas também dos construtores de bibliotecas

*[O músico improvisa sobre The people united will never
be defeated/Rzewski. Imagens. Ao fim da música,
improvisa com tema livre durante o próximo texto.]*

ATRIZ

Sem justiça nossa fome cresce até que devoremos a terra

Os rios secaram – os mares viraram esgotos onde ratos
nadavam e comiam os peixes

Tempestades varreram montanhas – arrancaram as
raízes das florestas – as árvores agarraram a terra com
suas garras – cidades foram reduzidas a trincheiras de
destroços onde canibais criavam os filhos para os comer
– e a tempestade varreu a poeira humana em colunas
e gemeu com a fome que havia neles

Naquele dia todas as consciências do mundo foram
esvaziadas – apagadas

O vazio durou um segundo ou horas ou sempre
Quem pode dizer quanto durou quando não há passado
– nenhum lugar – nenhuma origem?

Quando o medo prende o pensamento em um momen-
to e a comida cai da boca aberta e a fome aumenta?

Quanto mais eles comiam mais fome tinham e mais
medo

Não havia passado – nenhum futuro – nenhum lugar
– nenhuma origem
Os mortos não precisam do seu esqueleto e no momento do vazio os vivos não precisavam da sua carne
A humanidade morreu
Então construíram-se as prisões
Então as casas foram derrubadas – não por raiva mas por serem um impedimento para as prisões
A administração administrava em lugar nenhum e as pessoas eram um estorvo para a administração – um inconveniente para o exército
Os mortos foram encerrados em um vasto megassubúrbio sem centro – eles viviam como forma de comunicação
Os famintos foram trancados numa grande cidade -prisão – como castigo eram obrigados a rir
Os ricos se fecharam em um gueto – eles brincavam com brinquedos que os ensinavam a odiar – eles eram mandarins da truculência

A imaginação é mais lógica que a razão

Quando a razão destrói a imaginação nós enlouquecemos
A imaginação cria a loucura ou a humanidade

Nós partimos em uma direção e viajamos na outra
É como se passássemos nossa vida de costas
Nós escalamos um abismo e sabemos que devemos cair
Nossos filhos são nossa morte

Como podemos viver nesse paradoxo?
Como podemos transformar a catástrofe em liberdade?
Como podemos transformar o crime em justiça?
Como podemos reverter todas as leis?
É fácil: o reverso de todas as leis é a justiça

Um dia a humanidade morreu
Não havia futuro – nenhum lugar – nenhuma origem
Ninguém poderia cruzar consigo mesmo descendo a rua
A água não tinha reflexo

Todos os que são ou foram ou serão estão no portão
Eles estão em você e você está neles – os nus e quebrados e inteiros
A fome deles é a sua fome e a sua fome é a deles
Se você não busca a justiça aqueles que virão depois de você carregarão a sua dor e morrerão pelas suas feridas
E então você precisa carregar a dor deles ou morrer de fome
A fome de justiça nos faz humanos
A justiça é o reverso de todas as leis
A justiça é o reverso de todas as leis
A justiça é o reverso de todas as leis

[Música Threnody for the victims of Hiroshima/ Penderecki. Vídeo sobre Hiroshima.]

[O músico toca pandeiro durante a próxima cena.]

ATRIZ

Dizem que a violência gera violência
Que o homem violento vive preso a uma roda
Que a luta para se libertar faz girar a roda
Ele levou uma rasteira e anda de pernas para o ar

O Estado é quem mais usa a força
Quando a roda gira o Estado cria mais violência
Só que o Estado não usa a força só de maneira violenta
Ele tem padres, professores e juizes
Pensem bem
O juiz mais escrupuloso pondera a lei com mão imparcial
Manda com bons modos um homem dez anos para a prisão
Ou diz “vai
Você tem a oportunidade de ser um bom trabalhador e viver de acordo com a lei
Boa sorte”
A última opção é mais violenta que a primeira
Condena o homem a dar a sua vida ao juiz
Ele ensina ao filho que o juiz teve razão em mandar o pai para a prisão

Respeita a escola que o juiz fez
Constrói muros em volta da sua casa e protege o saque do juiz

[Samba.]

Corre todas as manhãs para o trabalho, faz armas para o juiz disparar na praça
Aprende a morrer em casa ou a matar na do vizinho
Ou pior, vive dia após dia calmamente
E assim, o juiz concede uma piedade mais severa que a própria prisão
Aquilo que impede o homem de se conhecer é em si mesmo violento e é a própria causa da violência
Como pode um homem conhecer-se?
Pensem,
Na esquina da uma rua, um homem em liberdade
Dá a mão a um homem nunca visto
Louco há vinte anos, este homem
Foi jogado velho numa parede úmida com o filho morto no bolso
O coração bate apenas para expulsar a vida pelas feridas
Demasiado fraco para estancar as feridas ou pedir ajuda
Quem é o homem desconhecido que traz pela mão?
Ele próprio

[Samba.]

Se o espírito tivesse forma humana ele seria assim
São coisas feitas pelo juiz que disse misericórdia
Feridas de paz
— A violência da liberdade —
Mais amargas que a fome
Mais cruéis que a guerra
Mais mortíferas que a peste
Não se veem
Escondem-se dentro da cabeça como se a cabeça fosse uma pedra que escondesse a verdade
Num mundo destes não há paz
O homem sai do tribunal em liberdade
A rua é a galeria de uma prisão

As casas da rua são celas de uma prisão

Num mundo destes não há paz
A rua é a galeria de uma prisão As casas da rua são celas de uma prisão

Dizem que a violência gera violência
Padres, porque eles rezam ao deus da guerra pedindo paz?
A violência gerará violência até os homens se conhecerem
Saberem onde estão e o que fazem
Até lá a prisão mais forte é a liberdade
Poucos tentam escapar dos seus muros
Nela vivemos de pernas para o ar
Tal como quando caminhamos na rua

[Vídeo Natureza morta, música Asa Branca/David Byrne.]

ATRIZ

33

[Music for Pieces of wood/Steve Reich + Ofélia.]

Nós não podemos falar nada sobre nós e a nossa época, sem começarmos por definir a loucura.
Como é que se explica que nós sejamos seres dotados de razão, enquanto a nossa sociedade é tão ligada à loucura?
Como as pessoas que têm toda a sua razão podem agir como se estivessem loucas e acreditar nas ideias loucas que a sociedade lhe impõe?
Nós podemos encontrar uma resposta com aqueles que perderam a razão.

“Este é um rosmaninho, serve pra lembrança. Eu te peço, amor, não esquece. E aqui amores-perfeitos, que são para os pensamentos”.

O que é que os deixou loucos?
As pessoas ficam assim quando não chegam a criar uma relação funcional e prática com a sociedade e com a realidade. O que elas fazem?

Elas criam uma sociedade que é uma realidade para elas. Elas ficam loucas para não perder a razão. A sua loucura é a explicação que elas dão para a loucura que encontram no mundo.

“Eis uma margarida. Eu gostaria de lhe dar algumas violetas, mas murcharam todas quando meu pai morreu”.

ATRIZ

Canção do padre. Sobre a morte do soldado.

MÚSICO

[Tocando piano.]

Num dia quente de verão
Terroristas mataram um soldado
Este estendido, na rua
Escorria sangue do uniforme cáqui
Um bebê sujando as cuecas
Coberto pelo lençol branco limpo
Dezenove anos, saudável até à morte
Um buraco na cabeça
Boca escancarada — não falava
Portanto, todos disseram o que havia de se dizer

Animais suspirou o Primeiro Ministro
Escória vociferou a oposição
Covardes rugiu o coronel
Só o homem morto mudo
Apresentadores de televisão ofendidos
Casa Real comovida
Numa parede do bairro alguém rabiscou
Cortem estes terroristas aos pedaços e deem de comer aos porcos — o enforcamento é pouco para eles
A imprensa sensacionalista se aproveitou
Cada gabinete ministerial jurou
Dar até a última gota de sangue do povo
O exército gritou “mais mais mais”
Rapazes não gastem a vida à toa
Venham buscar arma e boina
É a carreira no exército dentro de um buraco

São divertidos os funerais.
O negócio funerário vai bem
O dinheiro circula
As floriculturas vão bem
As escavadeiras abrem céleres os buracos
Finalmente descobri um objetivo na vida
Enfiar rapazes debaixo da terra
Sempre com lençóis limpos e brancos prontos para usar
Na sepultura a guarda de honra dispara
Caga tijolos — podiam ser eles lá embaixo — mas que ar corajoso
O toque da trombeta soa enorme
Nada como um funeral militar
Para erguer espíritos da terra Preços subindo — é pegar ou largar
Segue o teu destino com um sorriso amarelo

Você deve morrer sem perguntar porquê
Nós tomamos conta dos teus
Damos dinheiro para aliviar a dor
Jogamos terra em cima dos teus restos mortais
Fingimos que a terra é o céu
E à noite, enquanto você repousa e apodrece na sepultura,
Nas fileiras de mortos silenciosos,
A nação que disse o que havia de se dizer
Tapa a cabeça com lençóis limpos e brancos
Dorme em paz na cama
Mais mais mais
Pega em arma e boina
São divertidos os funerais

[Vídeo sobre guerras: coloniais, urbanas, civis. Improvisação musical. Aparece o figurino Guantánamo do músico.]

CENA DO CARAMUJO

[Intervenção do diretor ou de algum técnico da montagem. O texto deve ser improvisado a partir das sugestões abaixo.]

Boa noite.

Esta peça é uma tentativa, talvez fracassada, de caminhar em direção à realidade. Admitindo a hipótese de que o mundo pode ser compreendido, que a realidade pode ser compreendida. Mas a realidade tem muitas lacunas, por isso eu gostaria de contar uma pequena história. Uma história de caramujos.

Alguns cientistas acreditam que os caramujos percebem a luz, portanto, a realidade, somente a cada três segundos. Os caramujos, então, veriam a realidade com intervalos de três segundos.

[Contagem em silêncio de três segundos.]

Imaginem que exista um caramujo aqui na minha frente, e que este caramujo me olha. Imaginem também que eu consiga fazer uma proeza em três segundos: eu saio daqui, vou até o Itaú Unibanco - que lucrou 23 bilhões de reais em 2015, lembrando que o Bolsa Família teve orçamento de 26 bilhões de reais no mesmo ano - roubo o banco e volto até aqui, neste palco. Tudo em três segundos.

Para o caramujo eu não saí do teatro. Ele poderia ser levado a qualquer tribunal e seria sempre a minha testemunha de defesa perfeita. Para o caramujo os três segundos nos quais eu saí daqui, roubei o banco e voltei para o teatro, cairiam nos buracos de consciência de uma existência descontínua. Deste caramujo são subtraídos fotogramas essenciais para que ele entenda a realidade.

Isto vale... para os caramujos. Consciência, lacunas, realidade, descontinuidade. Mas nós, seres humanos, nós somos diferentes dos caramujos.

Aqui em São Paulo, um político foi duas vezes o deputado federal mais votado do Brasil (1982 e 2006). Ele tinha um slogan: “rouba, mas faz”, que ele roubou de outro político, Ademar de Barros. Em 1992 este mesmo político fez 37% dos votos no primeiro turno da eleição para prefeito. 37% entre aqueles que foram votar, porque uma parte das pessoas não vota. Outro político, bastante conservador e muito próximo do Opus Dei, foi eleito governador no primeiro turno em 2014. Um protegido deste governador, apresentador de TV e lobista, ganhou a prefeitura em 2016, também no primeiro turno.

[Contagem em silêncio de três segundos.]

A catástrofe tem algo de terrível: nós pensamos que ela nunca vai acontecer, e quando acontece parece fazer parte da ordem natural das coisas.

[Contagem em silêncio de três segundos.]

“Nós não teremos feito grande coisa ao insultar os imbecis presunçosos que estão no poder. O insulto não os privará do poder. Contentar-se de mostrar para aonde leva o mau uso que eles fazem desse poder não é suficiente. Nós devemos dizer como eles obtiveram o poder e como o conservam.” Edward Bond, *The activists papers*, 1980.



MÚSICO

[Tocando violão.]

Canção das duas mães

ATRIZ

Quando você era pequeno eu te disse
lave as mãos antes de comer
Devia antes te dizer afie as tuas garras
E nutre os apetites do ódio
E cresce e floresce
Na cidade dos lobos
Onde a piedade é fardo dos pobres
E a felicidade riqueza

[Música.]

E quando te mandei à escola
Devia ter contratado um assassino
Para te ensinar os truques do negócio
E um carnicheiro para te ensinar as regras do jogo
E te dizer como se asfixia a voz da vergonha humana
Para que você cresça e floresça
Na cidade dos lobos
Onde a piedade é o fardo dos pobres
E a felicidade riqueza

E quando você saiu de casa
Devia ter oferecido
Traidores como teus guias
E uma faca para enfiar nas costas
Dos camaradas ao lado
Para você chegar ao topo
Na cidade dos lobos
Onde a piedade é obrigação
E a felicidade riqueza

[A atriz canta os próximos quatro versos.]

E quando te embalei no berço
Devia antes ter martelado na tua cabeça
Sido implacável, implacável como os pregos

Que martelarão no caixão quando você morrer
Mas eu disse: seja simpático filho
Lave as mãos e o rosto
Te mandei para a cova
Onde os lobos roem ossos humanos
Ouço o choro dos humanos
Nos grunhidos do mercado
No rugido do tráfego ouço
Choro e desespero e medo
E sou tão ignorante que tento
Remendar os buracos da tua sombra

[A atriz canta os dois últimos versos.]

Amainar as fúrias do mar E lavar as feridas do céu

[Pequena coreografia e vídeo sobre a relação entre nazismo e terrorismo de Estado. Atriz, músico e talvez técnicos. Música Foreign accents/Robert Wyatt.]

MÚSICO

A fábula da fraude!

ATRIZ

Um dia, Billy foi fazer uma prova. As perguntas eram difíceis. Ele não conseguia responder todas as questões. Espiou por cima do braço do colega. Viu as respostas escritas no teste. E as copiou para a sua prova. O professor viu que ele espiava e copiava. Billy não passou no exame e foi expulso.

Nessa noite, ele estava tão aborrecido que não conseguia dormir. Desceu as escadas e foi buscar um copo d'água. Ao passar pela porta da sala de jantar ouviu o pai planejar com os amigos o incêndio da casa da esquina. Não gostavam do homem que lá vivia. A pele do homem era diferente da de Billy e do seu pai.

Billy disse para si mesmo: "Estou espiando outra vez! Devo dizer ao professor o que ouvi? Se contar ao professor, o homem que vive na casa da esquina fica

feliz. Mas eu também fraudei a prova porque queria passar e fazer o meu pai feliz. O meu pai diz que não tem um bom emprego porque nunca passou num exame. Mas se é errado fraudar para tornar o pai feliz, deve ser errado fraudar para o homem da casa da esquina ficar feliz. Não vou dizer nada”.

Mas ficou muito infeliz quando a casa da esquina pegou fogo. O homem também pegou fogo. Teve de ir para o hospital. Ora, o filho desse homem era colega do Billy. Brincavam muitas vezes juntos. Mas Billy já não gostava das brincadeiras. Ficava triste. Decidiu falar com o professor. Disse: “Eu sabia que o meu pai ia pôr fogo na casa. Não disse nada porque era fraudar. Agora eu já não gosto de brincar”. O professor bateu em Billy. O pai e os seus amigos foram parar na prisão. E claro que os colegas já não se sentavam ao seu lado. Olhavam todos para Billy e diziam: “o que é que tá esperando? Você é de uma família de criminosos”.

Billy cresceu. Foi trabalhar para um escritório do Estado. Um dia encontrou muitos projetos numa gaveta. Um dos projetos era de uma cidade do país vizinho. Mostrava onde o seu país ia jogar bombas. No plano dizia se que a cidade e tudo o que existia iriam ficar em cinzas. Billy pensou na educação que teve. Decidiu avisar as pessoas do outro país que elas iriam ser queimadas. Pegou o projeto e colocou o num envelope. Um superior suspeitou e viu que ele colocava o projeto no correio. O superior suspeitava dele por causa do seu passado criminal. Deram uma ordem especial ao carteiro para abrir a caixa do correio e entregar o envelope a um oficial de alta patente. O oficial leu o endereço do envelope e o abriu. O projeto estava lá dentro. Billy foi morto.

[Música Lascia ch'io pianga/Georg Friedrich Händel. Mitologia cristã.]

MÚSICO

[Guitarra e bateria/The Star-Spangled Banner e variações.]

Essa é a era da sci-tech, tecnociência, ciência e tecnologia

Ela ordena o mundo das ideias e satura a cabeça das pessoas

Pessoas de todo lugar querem viver nesse mundo

No tempo de algumas gerações a sci-tech poderia nos livrar da doença pobreza e loucura

Poderia construir casas na medida humana – purificar as águas da cidade

Nenhuma outra geração teve tanto poder

É o maior poder na história da humanidade

E ainda assim a sci-tech nos atormenta com sua própria poluição com sua peste pobreza e loucura

Porque ela é escrava – é criatura – do dinheiro

O dinheiro é mais poderoso que a sci-tech

O dinheiro não tem valores humanos

O dinheiro é a lógica do dinheiro

Seus criadores tentam fazê-lo servir aos seus propósitos

Ele parodia o propósito humano

Ninguém o controla

Suas leis são mecânicas

É um meio único na história da humanidade

Uma nova época

As pessoas que correm atrás dele seguem em passos de zumbi

É um parasita

ATRIZ

O dinheiro reprime – destrói

O dinheiro é roubo – ele rouba dias segundos e vidas

Ele empobrece o mundo

Ele devora terras – florestas – transforma rios em esgotos industriais

Deforma o mundo e o inunda com mídias venenosas

Instala o mercado no lugar da cultura humana

Suas vítimas lutam por comida abrigo segurança saúde

Elas são frágeis mas não estão em minoria – não estão derrotadas

Quem quer que lute por uma refeição decente luta pela cultura humana

Quem quer que lute por um teto para se proteger do vento e da chuva luta pela civilização
Quem quer que lute por um copo d'água luta pela liberdade
Quem quer que lute por um par de sapatos decentes luta pela paz
Quem quer que lute para cuidar de uma criança luta para cuidar de todas as crianças
Quem quer que lute para aprender a ler luta para que os grafittis nas ruas e nas paredes das casas sejam intuições de filosofia
Quem quer que lute contra a repressão luta por justiça agora e nos tempos que virão

MÚSICO

Cultura, civilização, liberdade, justiça, não são criadas sem luta
Mas a luta por comida não alimentará os famintos
A luta por uma casa seca não manterá fora a umidade e a chuva
A luta contra a doença não curará os doentes
A luta contra a opressão não libertará os oprimidos
É sempre a questão do significado — da compreensão — do conhecimento
A sci-tech acumula fatos—invenções dispositivos e sistemas
Constrói hospitais e escolas e prisões e busca manufaturar a arma da letalidade perfeita
O bem pode servir ao mal e o dinheiro serve a si mesmo
Só a luta tem sentido humano
Só a luta cria conhecimento
Só a luta educa
Só aqueles que lutam aprendem como funciona o mundo—a mecânica da realidade
Só o que é criado na luta cria a si mesmo e se chama liberdade

ATRIZ

As pessoas não podem ser guiadas para a liberdade
As pessoas têm que lutar

A luta começa com a pouca comida no prato — o telhado pingando — a velha tremendo de febre
Começa no momento que o prato é posto na mesa
É a luta absoluta de claridade em que o olho sabe o que a mão faz e a mão sabe o que os olhos veem
É a luta da realidade consigo mesma
Dizem que não há mais grandes causas
O prato vazio da criança é a grande causa
O trabalhador em seu sono agitado cujo pesadelo é acordar é a grande causa
A velha ranzinza e amedrontada tremendo de febre é a grande causa
Aqueles que moram em barracos e vivem em trapos são a grande causa

Quanto você deve entender para ser humano?
Quanto você deve lutar?

[Music for Pieces of wood/Steve Reich.]

MÚSICO

Esta é apenas uma peça
Teatro é a luta da realidade consigo mesma
E a luta começa com restos no prato e um telhado pingando e trapos encharcados nas lágrimas e suor da velha tremendo de febre e os oprimidos e os famintos
A luta começa com o som do prato sendo posto na mesa

[Músico toca pandeiro. Atriz com a marionete.]

MÚSICO

[Sonoplastia sugerindo tempestade.]

Eu nasci às oito e meia da noite
quarta-feira 18 de julho de 1934
Tinha uma tempestade

[Fim da sonoplastia sugerindo tempestade.]

ATRIZ

Meu casaco está em chamas
Mas eu não quero ser alarmista

MÚSICO

Eu sou tão ignorante que tento Remendar os buracos
da tua sombra

ATRIZ

Não procure uma alma
Uma alma não vai ajudar a entender o que foi feito

MÚSICO

O exército me ensinou
dez maneiras de matar meu inimigo
cem maneiras de matar meu vizinho

ATRIZ

Nós podemos encontrar uma resposta
com aqueles que perderam a razão

MÚSICO

O que é que os deixou loucos?

ATRIZ

Esta é a pergunta
A vida de um homem é explicada pela vida de todos
os homens

MÚSICO

A fome de justiça nos faz humanos

ATRIZ

A tempestade sopra no cais
A tal ponto que a lona sobre sua cabeça

tremula como as asas de um abutre

MÚSICO

[Cantando.]

A rua é a galeria de uma prisão
As casas da rua são
celas de uma prisão

ATRIZ

Como pode um homem conhecer-se?

MÚSICO

A imaginação é mais lógica que a razão

ATRIZ

Os caramujos percebem a luz somente a cada três
segundos

[Contagem até três em silêncio.]

MÚSICO

A luta faz trilhas através dos campos minados

ATRIZ

Quando você era pequeno eu te disse Lave as mãos
antes de comer Devia antes te dizer afie as tuas garras

MÚSICO

Neste mundo nós ainda não nos tornamos humanos

ATRIZ

Esta é apenas uma peça

*[Pequena coreografia nazista. Música Clowns and
Children/Alfred Schnittke + vídeo.]*